



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

ADRENALINA NA PRÁTICA ESPORTIVA

Recife

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**LICENCIANDOS: GISELE MIRELLA
KLEVER ALBETO
SÉRGIO VELOSO**

Artigo apresentado à disciplina de
Sociologia das emoções

**ORIENTADORES: ARTUR PERRUSI
MARIA ELIANE MONTEIRO**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	p.4
-----------------	-----

1. EMOÇÃO NO ESPORTE.....	p.5
2. TRANSPONDO BARREIRAS.....	p.6
3. SKATE: ARTE DE EXPRESSAR OS SENTIMENTOS.....	p.8
4. SKATE: UMA NOVA PERSPECTIVA SOCIAL E URBANÍSTICA.....	p.10
5. SKATE: UM ESTILO DE VIDA EM MEIO O PRECONCEITO.....	p.12
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.15

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.16
---------------------------------	------

INTRODUÇÃO

A adrenalina é um neurotransmissor que é ativado no sistema nervoso, essa substância (hormônio) é produzida nas glândulas suprarrenais que são geralmente liberadas em situações nas quais existam uma grande sobrecarga ou estresse. Ela juntamente com outros hormônios, são responsáveis pela regularização, vascularização e percepção, servindo como uma forma de fuga de tensão para o sistema nervoso central autônomo, que por sua vez irá atuar em algumas reações do organismo, tais como: taquicardia, midríase, taquipnéia, maior vascularização da musculatura esquelética e uma maior irrigação cerebral.

Nessa etnografia iremos analisar as emoções que estão vinculadas à prática do skateboard com enfoque na adrenalina (substância), que quando ativada desencadeará outras emoções e também impactará no meio sócio cultural de seus praticantes. Utilizamos o método participante, onde conseguimos localizar e entrevistar alguns praticantes desse esporte radical. Como o irmão de uma integrante do grupo é praticante, ele facilitou o contato com os demais, se tornando a “ponte” crucial para elaboração desse trabalho. Foi através do contato direto que levantamos dados e obtivemos informações que contribuirão para formação desta Etnografia. Foi permitido anotar, gravar a conversa e fotografar.

A medida em que andávamos pelas ruas do Recife antigo foi impossível não se atentar e admirar-se com a arquitetura do lugar, onde é possível perceber a força cultural presente ali, já que vários grupos sociais se encontram com intuito de socializar-se e perpetuar sua cultura.

O marco zero foi o ponto de partida de nosso trabalho, onde saímos em direção ao skate parque da Rua da Aurora. No decorrer desse trajeto fomos estreitando essa relação com esses atores sociais, onde foi possível observar que a cada passo ia aumentando o entusiasmo desses praticantes. Um fato chamou à nossa atenção, quando um dos membros do grupo no percurso quebrou o rolamento do skate, foi perceptível a cooperação desses atores que juntos conseguiram sanar o problema continuando assim o percurso.

1. EMOÇÃO NO ESPORTE



FOTO: HÉLIO MACENA

“O termo emoção é aplicado ao padrão de reação que envolve o organismo todo em seus aspectos somático, sensível e comportamental. No sentido restrito, o termo emoção se refere somente ao componente sensível da síndrome.” **(Elias, 1991,p.15)**, ou seja, na manifestação sensível e exterior dessas emoções.

O mutável equilíbrio entre impulsos emocionais e controle emocional de contenção de impulsos se mostra por si mesmo nos movimentos de uma pessoa, em seus gestos e em suas expressões faciais, que são sinais por meio dos quais as pessoas comunicam, involuntariamente ou intencionalmente, a condição de autorregulação de suas emoções a outros seres humanos. **(Elias, 1991,p.19)**

No esporte as emoções são responsáveis por encadear alguns sentimentos que se dividem em positivos e negativos (alegria e tristeza). Esses sentimentos quando são combinados com algumas práticas esportivas fazem as glândulas suprarrenais aumentar a produção de adrenalina, por isso, em situações de risco, os esportistas costumam dizer que sentem muita “adrenalina”.

Nas práticas esportivas a adrenalina deixa de ser substância (hormônio) e passa a ser interpretada como uma emoção. Com essa junção de emoção

(sentimentos) os praticantes de modalidades esportivas fazem uma releitura para a palavra adrenalina. Isso ocorre devido ao processo de empoderamento. Com isso a adrenalina expressada por eles é interpretada como uma emoção devido as respostas ao estímulo de ansiedade, euforia e medo que os esportes podem trazer que vão desde o espírito de competição aos estados de ansiedade causados pelos esportes radicais. A recompensa cerebral dessas ações com o intuito de romper barreiras através dos movimentos é tão prazerosa para os praticantes que se torna algo viciante.

2. TRANSPONDO BARREIRAS



FOTO: HÉLIO MACENA

Ao chegar no local (Skate parque) fomos informados que uns dos praticantes mais experiente conhecido por eles como “uma lenda do skate” ali estava presente. Foi aí então que realizamos a nossa primeira entrevista com o Sr. Og de Sousa, o mesmo nos informou que mesmo antes de nós nascermos ele já praticava esse esporte.

Og descreve a adrenalina como algo bom que o satisfaz, ressaltando que assim como no skate ela está presente na natação e no futebol. O entrevistado ressalta que “  muito bom você praticar aquilo que gosta, pois você terá a sensa o de dever cumprido”. Foi aí então que foram feitas algumas perguntas.

E: Alguém lhe influenciou a entrar nesse universo do skate?

D: Não, o skate mesmo me influenciou. Achei massa, via um cara andando e achei massa, comecei a ver o cara andar e comecei.

E: O Senhor considera esse esporte como uma terapia?

D: Sim, com ele eu esqueço as coisas do dia a dia me sinto livre, as vezes quando estou estressado venho andar de skate e sinto aquela sensação de dever cumprido. A adrenalina é enorme!

E: O skate além de proporcionar essa sensação proporciona algum processo de socialização?

D: Sim.



FOTO: HÉLIO MACENA

No caso de Sr. Og pode-se observar que além do skate proporcionar uma socialização entre os atores, o proporciona também uma inclusão nesse grupo social onde o mesmo está inserido, tendo em vista que o entrevistado é deficiente físico (paraplégico) ele relata que é visto como um símbolo de superação, pois é mais gratificante para as pessoas lhe verem no skate do que ver outros em pé andando. Como ele mesmo disse: “se o cara ali anda de skate eu posso andar também”. Essa vontade de superar seus limites fez ele transpor barreiras e se superar, se tornando assim uma lenda viva do skate.

E: O senhor já sofreu algum preconceito por ser praticante desse esporte?

D: Sim, porém eu calo a boca do pessoal. Eu já fui praticamente profissional desse esporte e eu vivia disso, hoje não, trabalho com outra coisa e nem por isso eu roubo, mato ou trafico.

E: O que seria o skate na sua vida?

D: É tudo, tornou-se um acessório diário. Tipo pra fazer tudo tenho que está com meu skate, poderia usar até uma cadeira de roda sendo que eu nunca usei. Só uso o skate, ele se tornou meu acessório indispensável e com ele vou pra cima e pra baixo.

Relatando que esse instrumento é utilizado para satisfação própria e para superar seus limites ele informa que a adrenalina é presente, fazendo com que o esporte se torne algo “viciante”.

3. SKATE: ARTE DE EXPRESSAR OS SENTIMENTOS



FOTO: HÉLIO MACENA

Os praticantes de skateboard que foram entrevistados enxergam o skate como uma “arte”. Para eles esse esporte seria uma maneira de se expressar com o mundo utilizando o corpo e fazendo arte com os pés.

Iury Roberto é praticante ativo desse esporte, ele nos informou que o skate cresceu de uma maneira ascendente nos últimos anos e que hoje em dia as pessoas praticam muitas vezes para satisfazer. Contudo, o skate é visto pela sociedade como uma forma de

marginalização e por esse motivo os praticantes vez ou outra passam por “vexames”. Para **E. L. VELOZO, J. DAOLIO (2013) p.220** constrói-se uma visão estereotipada do *skate* e de seus praticantes, a partir de uma dupla identificação do *skate* com a noção de atitude não saudável, relacionada aos problemas de saúde física que podem ser gerados por possíveis acidentes decorrentes da prática do *skate*. Esta identificação do *skate* com fatores depreciativos à saúde contribui para configurar a imagem negativa que esta prática ainda possui para determinadas pessoas ou grupos.

E: o que é skate para você?

D: O skate é uma brincadeira, algo simples pra quem vê, porém pra quem anda e tem paixão é tudo... é indescritível!

E: Em relação as emoções, quando você pratica esse esporte o que você sente?

D: Sinto prazer e me satisfaço. No início andar de skate é meio complicado devido as dificuldades e o equilíbrio, muitas vezes a pessoa cai e se machuca. Ainda me lembro o dia que acertei a minha primeira manobra, foi algo sensacional, essa adrenalina tomou conta de mim e me deu vontade de continuar.



FOTO: HÉLIO MACENA

O entrevistado ressalta a importância da dificuldade no esporte que é sanada pela felicidade de acertar uma manobra. O mesmo retrata essas dificuldades como algo positivo, pois quando ele cai, dá uma certa vontade de levantar e continuar. Iury nos relata que a adrenalina se torna um prêmio e algo viciante.

E: Em relação as estruturas para se praticar o esporte na cidade do Recife, quais são os desafios encontrados?

D: No momento aqui no Recife está fraca a coisa viu (risadas), aqui só tem o skate parque da Aurora e o skate parque da Caxangá. Fazem uma pista nova hoje e amanhã já está quebrada, olha que dizem que gastam uma verba do caramba e quando você vai vê a pista já está ruim. Falta infraestrutura e investimentos, isso se torna algo revoltante pois quando praticamos na rua sempre chega alguém pra impedir e dizem que estamos quebrando e fazendo barulho. O governo não mexe um dedo velho, para fazer uma área de lazer dessente para que a gente possa praticar aquilo que gostamos. Hoje mesmo eu estava no Marco zero praticando e chegou um policial para me impedir, pois disse que o banco foi feito pro pessoal se sentar e tal, isso se torna chato porque não temos onde andar e quando vemos um chão lisinho, um banco de mármore perfeito me bate a vontade de ir lá e fazer.

4. SKATE: UMA NOVA PERSPECTIVA SOCIAL E URBANÍSTICA



FOTO: HÉLIO MACENA

Os skatistas têm uma maneira diferente de apreciar o urbano, eles possuem uma perspectiva inovadora já que eles andam imaginando as manobras que irão fazer e como fazer. Rafael Feitosa por exemplo, nos informa que um corrimão e um banco no olhar de um skatista deixam de ser um simples “corrimão” e um simples “banco”.

Em meio a uma conversa descontraída, Rafael nos relata que ainda está na fase de errar algumas manobras e que sai de casa com o intuito de se superar a cada dia.

O entrevistado informa que no início via o esporte como uma brincadeira e hoje esse sentimento de brincadeira foi deixado de lado, o skate se tornou parte de sua vida tanto que ele não consegue se imaginar trabalhando e fazendo faculdade sem deixar o skate.



FOTO: HÉLIO MACENA

E: Qual é a emoção sentida quando você acerta uma manobra?

D: A emoção de acertar uma manobra e a adrenalina que é proporcionada por esse momento é algo surreal, considero como um prêmio que me faz tentar novamente. A adrenalina é de momento e você não sabe explicar, só sei que é inexplicável. A dificuldade se torna uma aliada da adrenalina.

E: Qual a importância do skate em sua vida?

D: Com o skate eu conquistei muitas coisas e abri minha cabeça para o mundo em relação de como a sociedade vê as coisas. A sociedade tenta impor o que é certo e o que é errado, quando vim pra esse mundo do skate passei a ver que as coisas não são como a sociedade tenta mostrar.

E: Qual a forma que vocês skatistas observam o mundo?

D: Nós vemos como uma filosofia e estilo de vida, pra sociedade o mundo é algo fechado cheio de normas e para a gente não, o mundo é livre, abre diversas possibilidades para nós. O skate não escolhe raça, idade, credo nem cor... Você pode ser cheira cola, maconheiro, empresário, você pode ser qualquer coisa e os skatistas não irão te discriminar porque aqui todo mundo é igual! Você pode ser o mais diferente de todos.

De acordo com Elias existe uma relação entre as mudanças na organização das sociedades e na personalidade dos indivíduos, gerando formas específicas de comportamento em diferentes momentos históricos e que em parte isto é gravado nas pessoas desde a sua mais tenra infância, sob um controle social poderoso e que são construídos sobre medos e coerções, que modelam o comportamento de todos. (**Elias, 1991**)

“Nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas antepõem limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um ou outro tipo.” (Elias, 1994 b, p.270)

5. SKATE: UM ESTILO DE VIDA EM MEIO O PRECONCEITO

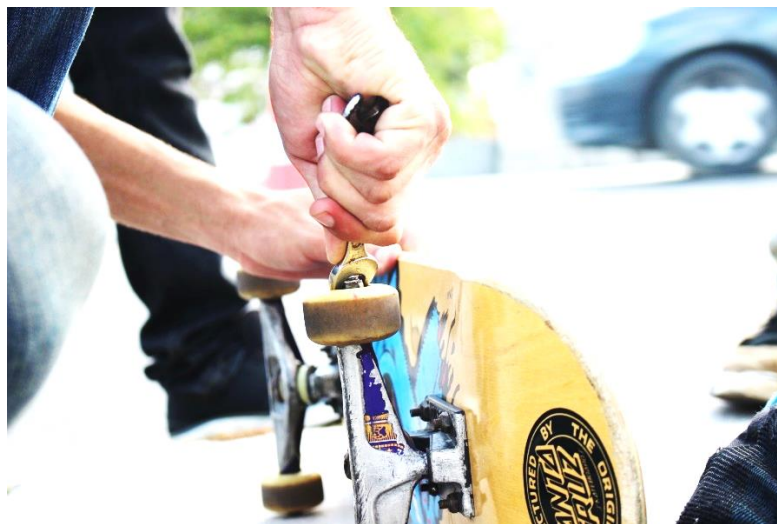


FOTO: HÉLIO MACENA

O skate está presente no Brasil desde o final da década de 60, contudo foi se difundindo aos poucos. Foi na década de 90 que o skate foi enraizado em nossa cultura devido às fortes influências de filmes norte americanos e de outras práticas esportivas (surf), pois esses filmes enfatizavam o patriotismo dos jovens.

Se passaram cerca de 50 anos desde a chegada desse esporte, entretanto os praticantes continuam sendo alvo de preconceitos. Muitas vezes são discriminados, tendo em vista que a sociedade os assemelha com marginais, desocupados, baderneiros e até mesmo ladrões.

Sob esse prisma, entrevistamos Tarciane Almeida. Ela é uma das representantes dessa tribo (skate), no decorrer da entrevista a mesma nos relatou o que sente ao praticar o esporte e o preconceito vivenciado por ela.

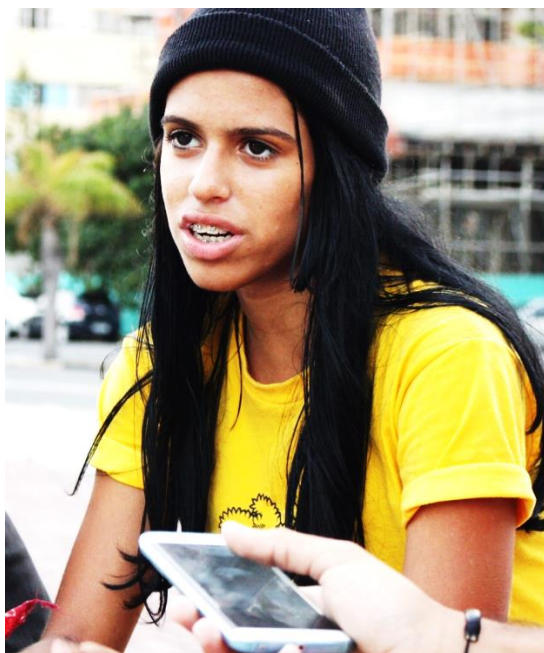


FOTO: HÉLIO MACENA

E: O que representa o skate para você?

D: O skate me traz uma adrenalina que sobe no corpo e me faz esquecer dos problemas. É uma coisa que só quem anda que sente, algo prazeroso que quando mais você anda, quanto mais você cai, mais você quer ir e tentar de novo levando isso pra sua vida. Lá na frente, em sua vida quando você for tentar algo e não der certo você tenta outra vez. O skate é uma forma de superação e você leva isso pra sua vida.

E: Pelo fato de você ser do gênero feminino, alguma vez você já sofreu algum preconceito?

D: Hoje em dia tanto os meninos como as meninas geral sofrem preconceitos. O skateboard feminino ainda é pouco valorizado, ocorre mais campeonatos masculinos. Em relação ao preconceito de polícia é geral, tanto de meninos como de meninas, todos sofrem preconceito e somos chamados de marginais pelo simples fato de andar de skate.

Vale ressaltar que enquanto estivemos em campo foi perceptível a predominância do gênero masculino na prática desse esporte como também em outros. Apesar disso, independente de gênero, eles acabam formando um grupo uniforme da melhor forma possível, onde pessoas de várias etnias, idades, gêneros comungam dessa mesma emoção. Porém o patriarcalismo já arraigado na sociedade também afeta de alguma forma esta modalidade. Uma hierarquia de gênero velada acaba se revelando. Isso é percebido quando a entrevistada fala que apesar de não haver preconceito de gênero dentro do grupo em que ela está inserida, ainda assim a modalidade masculina é bem mais valorizada.

Além disto, como sociólogos configuracionais, nós enfocamos esportes como eventos “totais” que só podem ser entendidos em relação ao seu contexto social “total” e os frequentemente diferentes significados ligados a eles por grupos com diferentes interesses e valores. Também enfatizamos que as sociedades modernas permanecem predominantemente patriarcais, que esporte moderno começou como um território masculino e que muitos esportes continuam a agir como veículos para expressão e reprodução da agressividade masculina. (DUNNING; SHEARD, 1973); DUNNING, 1986; DUNNING; MAGUIRE, 1995)

E: Você pratica a quanto tempo?

D: Tenho sete meses de skate.

E: O que te levou a praticar esse esporte?

D: Eu via meus amigos andando e simplesmente por espontânea vontade pedi pra ele me mostrarem como se andava e como se equilibrava, aí a partir de quando comecei a pegar um certo equilíbrio e comecei a ir pra lá e pra cá me sentir livre, como o se eu tivesse esquecido do mundo, só queria saber de andar mais e mais. A galera me ajudou nas manobras e até hoje em dia é comum um ajudar o outro dando dicas, então assim, o skateboard meninos e meninas juntos é união! Aqui um ajuda o outro, quando um cai o outro dá a mão para levantar!

E: Você consegue imaginar sua vida sem essa prática esportiva?

D: Eu sei que um dia vou começar a trabalhar, eu posso ter filhos, ter minha casa e tudo mais, mas eu quero levar esse esporte pra minha vida, se for de ter filho eu tenho, se ele quiser apreender a andar eu ensino e ajudo, agora parar eu não paro não. **(risadas)**

E: Você já sofreu preconceito em sua família?

D: Já!

E: E como foi?

D: Minha tia e minha mãe diziam que eu estava praticando ato de marginal, que daqui uns dias eu seria usuária de drogas, que iria sair pichando tudo na rua, que ia sair bagunçando em ônibus...Várias coisas, me chamaram até de baderneira e isso ocorria na minha família toda, mas eu nunca liguei e sempre fiquei persistindo naquilo. Eu pensei, vou mostrar pra eles que eu sou capaz e hoje em dia tudo mudou. Participo de campeonatos e eles me dão o maior apoio, simplesmente eles dizem vá, faça, não fique nervosa, treine você é capaz, você consegue. Hoje em dia me apoiam cem por cento!

E: Essa mesma adrenalina que te faz superar os obstáculos ameniza a dor?

D: Hoje em dia quando eu levo uma queda eu sinto, porém, essa queda me motiva para tentar novamente e mostrar que eu sou capaz. Na emoção a adrenalina me faz querer me levantar de novo e isso ameniza a dor.

E: Quando você sente a adrenalina?

D: Sinto quando estou em alta velocidade, quando tento fazer uma manobra que nunca tentei, a verdadeira adrenalina surge dentro de mim.

E: Então a adrenalina estaria ligada a essa vontade de se superar?

D: Sim, ela me faz seguir em frente independente se errei ou não. Uma frase que carrego dentro de mim é que no skate você é capaz de tudo como no surf ou andando de patins, ou em qualquer esporte, você é capaz de tudo basta você fazer acontecer.

Dentro do quadro de observação crítica ao skate como uma “visão de mundo” em relação ao discurso nativo num contexto mais amplo que envolve a socialização desse público jovem, bem como a juventude ligada ao estilo de vida que carregam em torno desse esporte, sendo importante destacar os desafios que permeiam os skatistas como a infraestrutura e investimentos para a prática do skateboard, a reivindicação por ambientes adequados e de qualidade é uma luta permanente do grupo.

6. Considerações Finais

Durante a experiência em campo que foi perceptível ver de perto um pouco das emoções que esses indivíduos dizem sentir. Como já foi citado, a adrenalina é utilizada como um termo que designa emoção. Na realidade se refere ao conjunto de emoções que a prática desse esporte irá trazer (euforia, medo, prazer, etc). Vimos também que eles utilizam esses parâmetros até para a própria vida pessoal e utilizam como uma espécie de filosofia de vida. Em campo foi possível enxergar também que a maioria dos praticantes

eram jovens, de classe média baixa, na faixa entre 16 a 22 anos, apesar de haverem crianças e adultos também, em sua maioria homens com etnias variadas. Jovens esses que além da prática do esporte também levam sua rotina de estudos durante a semana, deixando o treino do skate para horas vagas e nos finais de semana. Assim podemos perceber:

“Também há dados empíricos que levantam questões sobre a teoria de que a busca por excitação em esportes é uma forma de escapar da rotinização da vida moderna. Se este for o caso, e isto certamente parece plausível, então como podemos explicar o bem-estabelecido fato de que é provável que os membros favorecidos e não os desfavorecidos da sociedade pratiquem e assistam esportes? Em outras palavras, é mais provável que aqueles cujas vidas são menos rotinizadas – isto é, profissionais liberais – procurem excitação em esportes do que aqueles cujas vidas são mais rotinizadas: trabalhadores de fábricas e clérigos. Talvez a resposta esteja nos tipos de esportes que são populares entre diferentes grupos de pessoas.” (GUTTMANN, 1992, p. 157)

Essa mistura de emoções variadas que é resumida na palavra “adrenalina” nos remete também a reação em cadeia que a prática desse esporte trás para a vida social desses atores. Uma vez que a adrenalina será a emoção que dará impulso a persistência da prática e de se superar a cada dia, será a fagulha inicial. Através da prática é natural que esses indivíduos com um interesse em comum se juntem para assim formarem um grupo. Grupo esse que se torna mais unido ao perceber os preconceitos que têm de enfrentar do resto da sociedade, onde essa união acaba influenciando no modo como eles se relacionam, onde acabam tendo uma postura mais acolhedora já que em si já são vistos como excluídos. Essas relações e a prática desse esporte radical acaba influenciando também no modo de vida, no estilo de vestuário, na música que vão escutar e a forma como veem os outros e a paisagem urbana.

Esses parâmetros ajudam a perceber como a vontade de praticar esse esporte e de sentir essa emoção, primeiramente no sentido de se obter prazer individual, acaba acarretando fatores que influenciam também socialmente o que acabam despertando também outras emoções.

“Na verdade, esportes, artes e diferentes formas de lazer geram diferentes níveis de tensão, além de gera-los diferentemente. Mas, apesar de suas diferenças, eles parecem compartilhar estruturas que são ajustadas para desempenhar a função mimética de despertar as emoções”. (DUNNING, 2003, p. 32)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Sergio Servulo Ribeiro. Esporte e Emoção: contribuições da teoria de Norbert Elias para a compreensão desses fenômenos. ANAIS DO 7º Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Civilização e Educação. Piracicaba: UNIMEP, 2003.

VELOZO, E.; DAOLIO, Jocimar. O SKATE COMO PRÁTICA CORPORAL E AS RELAÇÕES DE IDENTIDADE NA CULTURA JUVENIL. Revista Iberoamericana de Educación, v. 62, p. 217-231, 2013.

DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. História: Questões & Debates, v. 39, n. 2, 2003.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 2, 2008. (Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1890>. Acessado em: 05/06/2017.